

Esperança com realismo

Tenhamos, neste fim de ano, esperança com realismo, uma síntese que, por ser tão difícil, não deve ter sua busca abandonada.

O Brasil ultrapassou crises gravíssimas, com bastante êxito relativo.

A inflação, se não caiu tanto, pelo menos teve sua curva quebrada. E, para o ano próximo, anuncia-se um afrouxamento dos cintos que, pela proximidade ou não das eleições, aliviará o fôlego de empresas e cidadãos. Se isto vai ensejar uma retomada ascendente da inflação, só o tempo dirá. Nem sempre tem sido assim e fim de ano é tempo de revisão objetiva, não de pessimismo nem de otimismo. Válidos ao nível apenas dos sentimentos, não da razão.

Também no plano político, o Brasil saltou grandes obstáculos.

Foram evitados vários cursos de colisão, embora a reincidência na tentação deva deixar-nos de barbas de molho. Prudência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém: Roma não se fez num dia, ensina a sabedoria do povo.

Que todos perseverem, é o mínimo que se pode dizer.

Tivemos, no ano de 1981, e continuaremos tendo resultados positivos.

Hoje, são os próprios estrangeiros, outrora céticos, quanto ao nosso destino, que prosseguem avaliando nosso desenvolvimento. Se os credores não se queixam por que há o devedor de queixar-se?... Deve quem pode. Crédito é questão subjetiva do credor, que termina levando o risco maior.

Quem anda falando em moratório são certos brasileiros, os estrangeiros não. Eis a verdade que, longe de apenas reconfortar-nos, deve confirmar nossa responsabilidade num momento de alegria, com êxitos que não devem ser decepcionados. Nada pior que a desilusão.

Mas há pelo menos um século que se diz estar o Brasil à beira do abismo. O autor da frase é Tobias Barreto, numa carta aberta à imprensa alemã, denunciando a visita de Pedro II a Europa...

Depois, passamos a achar que o Brasil era maior que o abismo, o que serviu de alibi para muitas tentações.

De novo a verdade se situa no meio.

Somos e podemos continuar uma das dez maiores economias do mundo se realmente quisermos.

Poucos anos tão decisivos para o futuro do Brasil quanto este que se inicia. 1982 representará, com certeza, mais que os últimos, um divisor de águas, um claro limite entre o ontem e o amanhã.

Muito nos vem orgulhando a posição da economia brasileira atual entre as dez maiores do mundo. Mas não esqueçamos que a Argentina, há uns trinta anos, ocupava o sexto lugar e hoje não pára de cair de vigésima para baixo, apesar da sua auto-suficiência em trigo, carne e petróleo, que financiaram a incompetência política responsável pela queda.

E, evidentemente, muito mais fácil cair que subir. A lei da gravidade continua uma daquelas não alteradas pelo capricho dos homens... E ela também existe, por assim dizer, na história dos povos. Que a lição dos outros sirva para alertar-nos, em lugar de vivermos nos reconfortando no triunfalismo.

Continuam não existindo substitutivos para a competência e o trabalho, inclusive na política. Também se apresenta mais fácil o desentendimento que a compreensão. Esta requer esforço e não só boa vontade. De boas intenções, o inferno está cheio, reconhece-o a imemorial sabedoria popular.

Vamos precisar dela, mais do que nunca, ao longo de 1982.

Sabedoria democrática do bom senso, que os anglosaxões chamam de senso comum no sentido de poder provir de todos, quando se quer.

As eleições estarão aí para isto.

Ninguém descobriu, até hoje, um substitutivo para elas. Deveríamos, isto sim, perseverar em aprimorá-las, discutindo os sistemas eleitorais e respeitando seus resultados. Não há método infalível para governo ou oposição ganhar eleição, principalmente agora, numa época de urbanização e industrialização em massa. O principal consiste no respeito às urnas.

Só assim teremos a estabilidade política necessária à estabilidade e crescimento econômicos. Que o exemplo da vizinha Argentina, em vez de remotos mundos, viva nos refrescando a memória e a autocritica.

O Brasil não é invulnerável às crises internacionais, como parecia aos otimistas nos tempos das comunicações lentas, que nem por isto nos salvavam.

O problema do PP, hoje, apresenta-se muito pior que se imagina.

A incorporação agrava sua situação eleitoral, em vez de melhorá-la. O PMDB tende a ser o maior, se não o único beneficiário.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos.

Em Pernambuco, Miguel Arraes e Jarbas Vasconcelos remetem a candidatura de Cid Sampaio para a convenção decidir, onde eles têm muito mais votos; em São Paulo, Olavo Setúbal e Herbert Levy apregoam discordâncias tão profundas com o PMDB, que indicam uma aproximação evidente com o PDS; na Paraíba, Marcondes Gadelha continua repetindo ser um erro aceitar Antonio Mariz; no Rio de Janeiro, Roberto Saturnino não vai esperar por Miro Teixeira para decidir quem vai primeiro às ruas. E pesam sérias dúvidas sobre o apelo de Itamar Franco a Tancredo Neves no próprio reduto do outrora PP, Minas Gerais.

Estamos assim num estranho dilema.

Só imaginações muito criadoras evitarão talvez um desfecho melancólico para a fase que vivemos. E imaginação associada a muita boa vontade recíproca.